

Marcelo S. Petraglia

Educação musical: da impressão à expressão

Introdução

Dentro do contexto escolar (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio), entendo que a educação musical deve ter seu foco no que podemos chamar de musicalização geral. Este processo deve possibilitar ao aluno uma relação íntima e ativa com a música; seja como ouvinte qualificado, seja como cantor, instrumentista e mesmo criador de música. Música, afinal, é um fato da vida cultural universal e não território exclusivo de uma especialidade profissional. Ao mesmo tempo, o aprendizado musical deve ser um processo que contribua para a formação integral do ser humano. Desde Platão, reconhece-se o poder do ensino da música sobre a formação do cidadão e hoje, um grande número de pesquisas comprovam os benefícios que o aprendizado musical pode proporcionar em termos de desenvolvimento de habilidades cognitivas.

Muitas atividades compõem o processo de musicalização e talvez as mais importantes sejam: o desenvolvimento vocal, o desenvolvimento rítmico-motor, o desenvolvimento da audição, o aprendizado instrumental, a prática musical conjunta, o processo criativo, a apreciação das manifestações universais da música (e sua relação com as diferentes culturas e períodos históricos), a conceituação dos elementos musicais e a leitura musical. Sobre estas atividades, que aqui apenas cito de forma indicativa, gostaria de chamar a atenção para um processo que transpassa a todas e que deveria ser observado por todo educador musical na condução das suas atividades: a relação entre o que chamarei de impressão e expressão.

Impressão e Expressão

Por impressão, podemos entender toda a atividade que “vem de fora” e age sobre o aluno de forma estruturadora no seu impulso musical natural¹. Ao ensinarmos uma canção, por exemplo, imprimimos sobre o aluno uma dada estrutura de tempos, tons e qualidades vocais (para não falar do conteúdo do próprio texto). Ao aprender e se exercitar nesta canção, o aluno incorpora “padrões” de diversas ordens. Ele ajusta seu sistema temporal (rítmico-motor), objetivando-o na relação que estabelece com o grupo. O mesmo acontece com as estruturas tonais intervalares e o próprio sistema de afinação que está na base inconsciente do paradigma tonal. A audição de si mesmo e do grupo desempenha aqui um papel fundamental, sendo esta a grande mediadora do processo de refinamento dos padrões musicais em apreensão. Desta forma, partindo de músicas mais simples e progressivamente incorporando estruturas musicais mais complexas, o

¹ Entendo este “impulso natural musical” como sendo essencialmente um impulso de movimento. Este se expressa na criança pequena tanto em movimento corporal (próto-dança), como em movimento vocal (próto-melodia).

aluno toma posse da linguagem musical. Este processo de apropriação cultural/social da música a partir de uma referência externa permite que as estruturas relacionais da linguagem musical (de ordem abstrata) se incorporem e fiquem disponíveis para outras funções, assim contribuindo para o desenvolvimento geral do indivíduo.

Mas há um outro aspecto neste processo. Como disse, um impulso musical natural é inato a todo ser humano. Este impulso básico é a princípio caótico, disforme e só gradualmente se organiza e pode ser conscientemente conduzido. É este impulso que será “domado” e desenvolvido pela ação cultural da educação musical. Cabe ressaltar que é este mesmo impulso que carrega a essência da expressão individual. Por brotar no íntimo da alma humana, ele expressa seus mais profundos sentimentos e aspirações, a princípio, sem se preocupar em seguir regras ou padrões. De uma maneira provocativa, posso dizer que o que caracteriza a originalidade do indivíduo é quanto e como ele se afasta da “norma”, é a capacidade que ele tem de fazer prevalecer seu impulso original sobre os padrões a ele impostos. Fique claro que não estou defendendo um mundo de sujeitos desafinados e/ou descompassados. Quero apenas chamar a atenção para o impulso individual que deve também ser preservado e cultivado no processo de musicalização, pois quando a educação musical se pauta exclusivamente no caráter “de fora pra dentro” (impressão), o risco é de que não se desenvolva a capacidade criativa e original do ser musical. Mais que isso: se deixe de aproveitar a enorme via metodológica que é a manifestação do impulso interior do aluno. De forma consciente ou inconsciente, todos nós nos engajamos com muito mais afinco quando aquilo que fazemos está intimamente ligado ao nosso ser e dificilmente encontraremos algo mais pessoal que nossa própria expressão sonora. Na prática da sala de aula, isso pode significar um envolvimento muito maior dos alunos.

Temos muitas maneiras de cultivar este impulso criativo individual que deve permear a educação musical já desde o seu início. Pequenas improvisações, conversas musicais, perguntas e respostas, histórias sonoras e muitas outras dinâmicas, sejam elas vocais ou instrumentais, podem e devem se intercalar ao processo de estruturação propiciado por conteúdos pré-definidos pelo professor. Mais tarde, o desafio de compor uma canção e mesmo peças instrumentais pode ser altamente estimulante para os jovens, que podem realizá-las tanto individualmente como em grupo. O importante é que o aluno tenha o espaço e seja encorajado a expressar sua musicalidade interior e esta, assim como é, seja acolhida pelo grupo e pelo docente. Nesta situação, não cabem julgamentos e juízos de valor baseados em uma expectativa “do que é certo”, mas sim, a admiração pela expressão original de cada um.

Temos que reconhecer que nos primeiros anos escolares esta expressão pode ser algo bem modesto e tateante. Todavia é importante que ela se inicie cedo se queremos que posteriormente ela se manifeste com vigor e criatividade. Não é possível conduzir anos a fio uma educação musical na qual apenas se aprende por imitação ou por partitura canções e peças instrumentais prontas e na adolescência espere que se crie algo original.

Considerações Finais

Se por um lado é extremamente importante que o aluno interiorize as estruturas fundamentais da linguagem musical, tome contato e desenvolva o gosto pelas grandes manifestações musicais da história, da cultura do seu povo e do mundo; por outro lado, é fundamental que ele use estas estruturas como base para sua expressão individual. Se no início do processo de musicalização, o elemento da impressão desempenha um papel importantíssimo, sem o qual as bases da

Marcelo S. Petraglia

vivência musical dificilmente podem se estabelecer, o impulso da expressão deve aí, já ter um pequeno espaço; espaço este que deverá crescer ao longo dos anos escolares culminando em um amplo potencial criativo do jovem. Este então pode se expressar no mundo com reverência à sua cultura, mas livre e confiante para fazer nascer o novo.

Referências bibliográficas

GRANJA, C. E. *Musicalizando a escola: música, conhecimento e educação*. São Paulo: Ed. Escrituras, 2006.

HETLAND, L. Learning to make music enhances spatial reasoning. In: *Journal of Aesthetic Education*, 34 (3/4), 179-238, 2000.

PETRAGLIA, M.S. *A música e sua relação com o ser humano*. Botucatu, Ed. Ouvirativo. 2010

PLATÃO. *A República* – Livro II. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

SCHAFER, M. *O ouvido pensante*. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

SCHELLENBERG E. G. Music Lessons Enhance IQ. *Psychological Science 1*: In press. Disponível em <http://www.erin.utoronto.ca/~w3psygs/MusicLessons.pdf>. Acessado em 15/04/2011.

ZIMMERMANN, H. *Forças que impulsionam a educação*. São Paulo: Ed. João de Barro, 2008.